

ANTES DE OUTUBRO: DA QUESTÃO ESLAVA À REVOLUÇÃO DO ATRASO

Carlos Zacarias de Sena Júnior

Em janeiro de 1905, uma multidão de operários de diversos ramos da indústria – 200 mil pessoas, segundo estimativas da época, entre homens, mulheres, crianças e idosos – haviam marchado para o centro da cidade de São Petersburgo, na Rússia, com o objetivo de protestarem frente ao todo-poderoso czar Nicolau II. Clamando contra as duras condições de vida e trabalho que se abatiam sobre a maioria da população, situação que foi aprofundada em função da guerra russo-japonesa, cujo desfecho colocava para a Rússia um importante ônus econômico, os manifestantes seguiam dispostos a minorar a imensa carga que lhes pesava sobre os ombros. Sob a liderança do padre George Gapon,

Manifestação de mulheres em São Petersburgo, Rússia, em 1905.

a multidão caminhava pacificamente e sem armas (os que estavam armados haviam tido suas armas recolhidas por ordens de Gapon), com muitos levando imagens de Nicolau II, da Igreja Ortodoxa Russa, e entoando cantos religiosos e o “Deus salve o czar”.

Era um domingo frio de inverno e os trabalhadores também pretendiam apresentar ao czar uma série de reivindicações, como jornada de oito horas, salário mínimo de um rublo por dia, abolição da hora extra compulsória sem pagamento e liberdade de organização. Marchavam decididos, mas não tinham ideia de que os acontecimentos que protagonizariam naquele dia dariam ensejo a um processo histórico de transformações que ganharia a Rússia e o mundo, dali a pouco mais de uma década. Não obstante, resolutos, levavam consigo séculos de atraso e os altos níveis de dependência e submissão de um país semifeudal que apenas em 1861 havia abolido a servidão. Oprimidos por uma autocracia decrépita e profundamente violenta e autoritária, que impunha a miséria e a fome à maioria da população, os trabalhadores e as trabalhadoras, sem o saberem, estavam condenados a reescrever a história.

No texto da petição que a multidão pretendia entregar ao czar Nicolau II e que nunca lhe chegou às mãos, constava muito mais do que meras reivindicações por melhorias nas condições de vida da classe trabalhadora. A Rússia era um dos países mais atrasados da Europa e um dos países em que as hierarquias da sociedade nobiliárquica prevaleciam sobre a maioria da população das cidades e dos campos. Desta maneira, ficava evidente que uma Rússia moderna começava a despontar nas grandes cidades, cujo proletariado vinha se expandindo quantitativamente, fazendo emergir questões até então desconhecidas pela atrasada Rússia. Com suas reivindicações ligadas a questões econômicas e também políticas e a força das manifestações, sobre a massa trabalhadora repousava ainda um bocado de passado de um país arcaico, mergulhado no obscurantismo que dialeticamente vinha sendo superado. Como aparece no texto da petição redigida pelo próprio Gapon, e aprovada por dezenas de milhares de proletários, uma nova Rússia estava prestes a emergir:

Senhor – Nós, operários residentes da cidade de São Petersburgo, de várias classes e condições sociais, nossas esposas, nossos filhos e nossos desamparados velhos pais, viemos a Vós, Senhor, para buscar justiça e proteção. Nós nos tornamos indigentes; estamos oprimidos e sobrecarregados de trabalho, além de nossas forças; não somos reconhecidos como seres humanos, mas tratados como escravos que devem suportar em silêncio seu amargo destino. Nós o temos suportado e estamos sendo empurrados mais e mais para as profundezas da miséria, injustiça e ignorância. Estamos sendo tão sufocados pela justiça e

lei arbitrária que não mais podemos respirar. Senhor, não temos mais forças! Nossas resistências estão no fim. Chegamos ao terrível momento em que é preferível a morte a prosseguir neste intolerável sofrimento.²

De acordo com Victor Serge, a petição “foi ao mesmo tempo uma dolorosa súplica e uma reivindicação audaciosa”, e o padre Gapon parecia sinceramente acreditar “na possibilidade de conciliar os verdadeiros interesses e as boas intenções das autoridades”.³ Apesar de a marcha ser pacífica e ordeira, Nicolau II parecia não ter nenhum interesse em conhecer o teor das reivindicações dos trabalhadores e terminou não gozando o privilégio de ler o texto da petição, talvez o último documento laudatório de uma longa era que atravessara a Rússia. A multidão conduzida pelo padre Gapon nem chegou a se aproximar do imponente palácio do czar. Cercada por “cerca de 20 mil soldados fortemente armados”, que atiraram indiscriminadamente contra os trabalhadores a uma distância mínima de poucos metros, centenas ou talvez mais de um milhão de mortos levaram consigo para as sepulturas parte das cinzas de uma Rússia que começava a desaparecer. Foi um massacre e, apesar de não se saber quantos haviam sido mortos naquele “domingo sangrento”, sabia-se, por certo, que o passado e o atraso começavam a perecer, pois “uma época da história russa havia concluído abruptamente e uma revolução começara”.⁴

Marx, Engels e a questão eslava

Até fins do século XIX, seriam poucos aqueles que se arriscariam a prever que na Rússia, um dos países mais atrasados da Europa, ocorreria uma revolução proletária. Em verdade, eram os ventos ocidentais que sopravam a expectativa e a esperança da nova classe que emergia com a revolução industrial e começava a se tornar protagonista dos acontecimentos políticos de um século de profundas transformações. Os olhares dos estudiosos que se debruçavam sobre a realidade para tentar compreender o significado das transformações desencadeadas pelo processo de industrialização, que tinha a Inglaterra como epicentro, confirmavam a pujança da movimentação operária nas grandes cidades inglesas e as primeiras explosões de subalternos registradas na Europa continental.

A chamada Primavera dos Povos, que inaugurou um ciclo de revoluções na Europa a partir de 1848, despertou a atenção dos editores da *Nova gazeta renana* (*Neue Rheinische Zeitung – Organ der Demokratie*), diário alemão publicado em Colônia, no qual colaboravam Marx e Engels. Os jovens socialistas, ainda na casa dos 30 anos, encharcados de entusiasmo com o que lhes parecia ser a inauguração de uma nova era, abriram fogo à contrarrevolu-

lução, que tinha na Rússia e em países de maioria eslava um dos principais centros irradiadores. Enquanto debatiam com o francês Robert Blum, que defendia os “maltratados poloneses”, Marx e Engels, com verdadeira paixão revolucionária, desdenhavam dos males do atraso que entrincheiravam governos contra o progresso promovido pela revolução e ensejavam, da parte dos analistas, posturas bastante críticas em torno do que lhes parecia ser “vulgaridades tolas” acerca de uma noção que pressupunha a “conciliação geral entre os povos”. Para Marx e Engels, “palavras como ‘justiça’, ‘humanitarismo’, ‘liberdade’, ‘igualdade’, ‘fraternidade’ e ‘independência’ não eram mais que frases morais que pareciam boas, mas que nada significavam nas questões históricas e políticas”.⁵

Não obstante, os jovens revolucionários, que apenas há pouco tempo haviam acertado as contas com a tradição hegeliana da qual eram oriundos, não deixavam de se referir aos adversários à maneira de Hegel, que não concedia o direito à história a povos tidos por “bárbaros”. Contra as “vulgaridades tolas” dos moralistas, Engels escreveu com indisfarçável severidade e espírito de vingança:

Com a primeira revolta bem-sucedida do proletariado francês... os alemães, os austríacos e os húngaros se libertarão e exigirão uma vingança sangrenta contra os bárbaros eslavos. A guerra geral que estourará romperá esta união eslava e aniquilará todas estas pequenas nações cabeçudas a seus verdadeiros nomes. A próxima guerra mundial fará desaparecer da face da terra não apenas as classes reacionárias e dinastias mas também todos os povos reacionários. E isto também é progresso.⁶

O texto de Engels, publicado em inícios de 1849, expressava a postura do companheiro de Marx, de certa maneira compartilhada pelo próprio, acerca do papel histórico cumprido pela Rússia e pelos povos eslavos desde as Guerras Napoleônicas de inícios do XIX. Em verdade, o debate acima se desenvolveu contra o russo Bakunin, sobre quem pesava a desconfiança infundada de ser um agente do governo czarista. Sobre o assunto, Franz Mehring informa que uma reportagem com insinuações neste sentido foi publicada na *Nova gazeta renana* pelo seu correspondente parisiense, Ewerbeck. Todavia, como as suspeitas, obviamente, revelaram-se falsas, tanto a *Nova gazeta renana* publicou “um belo pedido de desculpas” quanto Marx viajou a Berlim e a Viena, retomando suas relações amistosas com o revolucionário russo contra quem, em diversas circunstâncias posteriores, dirigiria vitupérios na altura dos embates na Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT), fundada em 1864. De acordo com Mehring, “quando Bakunin foi expulso da Prússia,

Marx publicou uma forte condenação das autoridades”. Quanto a Engels, que havia publicado sua polêmica contra Bakunin em relação a um apelo que este lançara aos eslavos, reivindicou a “amizade” do anarquista, algo que não o impediu de atacar, de maneira bastante severa, as permanentes tendências pan-eslavas do revolucionário russo.⁷

Apesar de toda a relação que viriam a desenvolver com Bakunin, quando se tratava da questão eslava e do seu indisfarçável pan-eslavismo, Marx e Engels eram movidos pelo que acreditavam ser os maiores interesses da revolução, então não deixavam de recender, em suas polêmicas, uma espécie de eslavofobia que posteriormente lhes renderia injustas acusações de racismo.

Foi somente nas décadas seguintes que o tema novamente ressurgiria e a questão eslava assumiria outro patamar nas preocupações de Marx e Engels. A começar pelo fato de que, nos seus estudos sobre economia preparatórios para a redação de *O capital*, Marx dedicaria uma grande atenção às sociedades pré-capitalistas, a partir das pesquisas sobre a realidade indiana e chinesa, fundamentais ao processo de desenvolvimento do capitalismo desde a Inglaterra. Tais investigações redundaram na redação dos *Grundrisse*, um dos mais importantes textos de economia política, concluídos em 1858, que contribuíram decisivamente para as questões que lhes seriam colocadas pelos *narodnik*, também conhecidos como populistas russos, a partir de 1875.⁸

Data da década de 1870 a intensificação dos contatos de Marx e Engels com as questões russas. Inicialmente provocada em função dos debates desenvolvidos por estes com Bakunin e seus discípulos, no seio da Associação Internacional dos Trabalhadores, mas depois ampliados pelo incremento do número de exilados russos nos círculos de revolucionários europeus, os temas relativos ao atraso econômico eslavo, à proliferação de organizações revolucionárias (que pressupunham uma via russa ao comunismo) e às possibilidades de uma revolução no país dos Urais começaram a surgir quando o problema da comuna camponesa foi colocado para Marx e Engels pelas organizações dos populistas, que começaram a ganhar publicidade nos círculos revolucionários ocidentais a partir daquela década.

Seria possível se passar ao socialismo/comunismo em um país atrasado como a Rússia? De alguma maneira, se poderia saltar a “etapa capitalista” ou evitar que ela fosse cumprida em toda a sua extensão para o desenvolvimento das forças produtivas? A comuna camponesa russa, conhecida como *mir*, poderia ser um ponto de apoio ao futuro desenvolvimento do socialismo? Como entender o fragmento contido no prefácio da *Contribuição à crítica da economia política*, de 1859, que diz que uma “organização social nunca desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela é capaz de conter; nunca relações de produção novas e superiores se lhe substituem antes que

as condições materiais de existência destas relações se produzam no próprio seio da velha sociedade”, sem que isso implique uma condenação da Rússia a desenvolver o capitalismo por longos anos?⁹ Em que medida a afirmação de Marx de que “o país industrialmente mais desenvolvido não faz mais do que mostrar ao menos desenvolvido a imagem do seu próprio futuro”, contida no prefácio à primeira edição de *O capital*, pode ser entendida como um incontornável vaticínio de um imperativo da necessidade histórica no desenvolvimento da Rússia?¹⁰

As questões acima não foram apresentadas exatamente dessa forma, mas eram, incontornavelmente, as questões centrais colocadas pelo movimento dos *narodnik* frente às proposições de Marx (e também de Engels) expressas nos seus estudos econômicos, muito especialmente no livro *O capital*. A propósito, foi na atrasada Rússia que a máxima obra de Marx foi pioneiramente traduzida já em 1872, antes de qualquer outra língua, inclusive o inglês. O autor da proeza foi o militante *narodnik* Nicolau Frantsevitch Danielson, que trocava farta correspondência com Engels na década de 1890.¹¹

Surgido da iniciativa de um setor da *intelligentsia* russa que pretendia “ir ao povo” (*narod*), o movimento *narodnik* era a expressão eslava da movimentação revolucionária e socialista da segunda metade do século XIX. Todavia, as características intrínsecas a um imenso império, formado por muitas nações e submetido por uma opressão secular que era representada pelo czarismo, impulsionavam abordagens originais e profundamente russificadas que, por vezes, opunham tendências ocidentais, que apareciam como desígnios inscritos na história, à eventualidade de uma alternativa originalmente russa. Dessa tensão permanente entre Ocidente e Oriente, cuja literatura de Tolstói e Dostoiévski são a expressão artística desse dilema, surge o movimento populista/*narodnik*, que temia a emergência do progresso em bases capitalistas e entendia como vantajosas as condições do atraso: “Somos uma nação atrasada, e é justamente aí que está a nossa salvação”, era o que dizia a proclamação *À Jovem Geração*, escrita por Mikhailov e Chelgunov, ainda nos anos 1850.¹²

Foi, entretanto, em inícios de 1870 que os contatos de Marx e Engels com a realidade russa e com o movimento dos *narodnik* ensejaram uma profícua troca de correspondência que permitiram a transfiguração de um setor dissidente dos *narodnik*, que terminaram por se converter ao marxismo. Tal grupo, que assumiu o nome de Emancipação do Trabalho em 1883, transitou do socialismo russo até a fundação de um grupamento de abnegados revolucionários e estudiosos da obra marxiana e engelsiana, que introduziriam o marxismo na Rússia, desenvolvendo extensa correspondência com os fundadores do materialismo histórico. Não obstante muitas das polêmicas abrigadas no interior da Associa-

ção Internacional dos Trabalhadores, não deixaram de expressar as tensões entre o grupo bakuninista e os partidários de Marx e Engels.

Tkatchov, que reivindicava o posto de porta-voz dos emigrados russos na Europa ocidental, escreveu a Engels em 1874, inaugurando a polêmica sobre o atraso de uma forma provocativa às posturas que lhe pareciam ser a dos fundadores do materialismo histórico:

A situação do nosso país é inteiramente excepcional; ela não tem nada em comum com a situação de qualquer país da Europa Ocidental. As formas de luta empregadas no Ocidente são, na melhor das hipóteses, absolutamente inadequadas para nós. Precisamos de um programa revolucionário totalmente distinto, que deve diferir do alemão, na medida em que as condições sócio-políticas da Alemanha diferem das existentes na Rússia. Analisar o nosso programa do ponto de vista alemão (isto é, do ponto de vista das condições sociais do povo alemão) seria tão absurdo quanto analisar o programa alemão do ponto de vista russo.¹³

Para o militante russo, na verdade um partidário do blanquismo, não havia nenhuma possibilidade de se imaginar uma transição na Rússia inspirada nas formas europeias de luta.¹⁴ Considerando que as condições de desenvolvimento econômico no Ocidente e no Oriente eram profundamente desiguais, parecia completamente artificial propor uma mesma via para situações tão distintas, muito embora isso não significasse falta de solidariedade entre as organizações russas e as dos demais países europeus. De acordo com Tkatchov, a luta na Rússia se dava essencialmente no terreno político, já que a civilização burguesa não havia sido ainda implantada como na Europa ocidental:

Não temos um proletariado urbano, é verdade; mas tampouco temos uma burguesia. Entre o povo sofredor e o despotismo estatal que o oprime não temos uma classe média. Nossos operários defrontam-se somente com uma luta contra o *poder político*, pois entre nós o *poder do capital* ainda está em fase de germinação.¹⁵

Respondendo a Tkatchov, de Leipzig em 1875, Engels ressalta seu interesse pela evolução dos eventos na Rússia, que teria a “maior importância para a classe trabalhadora alemã”. Não obstante, prossegue, considera que o Império Russo tal como existe “constitui o último grande esteio de todo o reacionarismo europeu ocidental”, sendo, portanto, imprescindível para a vitória definitiva da revolução na Europa ocidental a liquidação da autocracia e do Império do Oriente. Como assegura Engels, “A derrubada do Estado czarista

russo e a destituição de seu império constituem, portanto, uma das primeiras condições para a vitória definitiva do proletariado alemão”. Sem o cumprimento dessa condição, “nenhuma revolução poderá obter a vitória definitiva na Europa ocidental [...]”.¹⁶

Apesar de considerar necessária e indispensável uma revolução na Rússia, Engels duvidava que o *mir* pavimentaria um caminho seguro até o socialismo, dispensando-se o cumprimento de uma etapa de desenvolvimento das forças produtivas na base das relações sociais de produção engendradas nas formas capitalistas como as existentes no Ocidente.

Está claro que, desde a emancipação da servidão, a situação dos camponeses russos se tornou insuportável e, no longo prazo, insustentável e que, já por essa razão, está se encaminhando uma revolução na Rússia. A pergunta a fazer é qual poderá ser e qual será o resultado dessa revolução? O senhor Tkatchov diz que será uma revolução social. Isso é pura tautologia. Toda revolução efetiva é social, na medida em que alça uma nova classe ao poder e lhe permite remodelar a sociedade à sua feição. O que ele quer dizer, no entanto, é que será uma revolução socialista, que introduzirá na Rússia a forma de sociedade almejada pelo socialismo europeu ocidental ainda antes que nós, no Ocidente, cheguemos a isso – e isto em condições sociais nas quais tanto o proletariado quanto a burguesia ocorrem apenas esporadicamente e num estágio pouco desenvolvido. Segundo ele, isso será possível porque os russos são, por assim dizer, o povo eleito do socialismo e possuem o *artel* e a propriedade comunal da terra.¹⁷

Para Engels, antes de se desenvolverem e se tornarem sustentáculos de uma transição revolucionária ao socialismo, tanto a propriedade comunal russa, o *mir*, quanto o *artel*, formas cooperativas de associativismo existentes na Rússia, mas também entre outros povos europeus ocidentais, tenderia a desaparecer diante do efeito desagregador do desenvolvimento da grande indústria: “A evolução da Rússia na direção *burguesa* aniquilaria também ali gradativamente a propriedade comunal, sem que o governo russo tenha que interferir com ‘baionetas e açoite’”, concluía.¹⁸

Em verdade, no entendimento de Engels, a efetivação desse curso histórico já vinha sendo percebida na Rússia, onde a propriedade comunal “há muito abandonou a época do seu florescimento e, ao que tudo indica, ruma para a própria dissolução”. Haveria, entretanto, uma forma de livrar a Rússia de cumprir o vaticínio histórico exarado desde o Ocidente; uma forma de garantir que o desejo dos *narodnik* se consumasse, evitando-se a necessidade de a Rússia percorrer os longos “estágios intermediários da propriedade par-

celeira burguesa”. Mas a chave dessa alternativa, ao invés de estar na Rússia, estava no Ocidente, nas mãos do proletariado dos países desenvolvidos:

Porém, isso só poderá acontecer se, na Europa ocidental, uma revolução proletária for vitoriosa ainda antes da desagregação total da propriedade comunal, propiciando ao camponês russo as condições para essa passagem, e sobretudo também as condições materiais de que ele necessita para impor a revolução necessariamente associada a ela em todo o sistema agrícola. (...) Se há algo que ainda pode salvar a propriedade comunal russa a propiciar-lhe a oportunidade de se transformar numa nova forma realmente capaz de sobreviver, isto seria uma revolução proletária na Europa ocidental.¹⁹

Dos *narodnik* ao marxismo: o longo caminho da revolução na Rússia

Como parece óbvio, a aparente disjuntiva tomada pelos populistas entre progresso capitalista ou revolução socialista impunha aos grupamentos, acostumados a altos níveis de repressão e clandestinidade, uma escolha peremptória e sem muita hesitação. Ou seja, caso fosse inexorável o desenvolvimento histórico nos marcos do capitalismo como processo de incremento das forças produtivas, num país cuja servidão tinha sido abolida apenas em 1861, tal conclusão não era tomada com simpatia por nenhum revolucionário. Da mesma forma, parecia incompreensível submeter o processo russo aos ditames do Ocidente, cujo proletariado, apesar do imenso vigor, não se revelara decididamente revolucionário na perspectiva dos *narodnik*, amantes da ação direta.

Como resultado desse desacordo com as premissas revolucionárias ocidentais, logo após a campanha “ir ao povo”, desencadeada entre 1873 e 1873, que determinou a ida ao campo de milhares de jovens estudantes e intelectuais influenciados pelo pensamento *narodnik*, e tão logo uma onda de repressão se abateu sobre o movimento dos populistas em 1874, surgiu a primeira organização de alcance nacional dos revolucionários russos ainda em bases orientais. Com efeito, a organização “Terra e Liberdade”, que repetia o nome de outra organização mais modesta e efêmera existente entre 1863 e 1864, terminou evoluindo para uma tática terrorista de sucessivos e violentos ataques frontais dirigidos ao governo russo e à pessoa do czar, que culminaram no assassinato de Alexandre II em março de 1881.²⁰

Nesse ínterim, os populistas sofriam uma cisão entre aqueles que pretendiam lançar mão dos métodos terroristas, organizados em torno do movimento “A Vontade do Povo”, de 1873-74, e aqueles que entendiam ser necessário manter os princípios originais do movimento *narodnik*, que consistia

em aproximar a *intelligentsia* e o povo através da propaganda, organizados em torno do grupo “Partilha [ou Repartição] Negra”. Após o assassinato do czar, uma onda de violência e repressão se abateu sobre os revolucionários, determinando o exílio do “Partilha Negra” que era liderado por Georgi Plekhanov.

De Genebra, na Suíça, em 1883, o grupo “Partilha Negra”, reunido em torno de Plekhanov e Vera Zasulitch, decidiu por reorganizar os revolucionários no grupo “Emancipação [ou Libertação] do Trabalho”, a primeira organização reconhecidamente marxista da Rússia.²¹ Da intensificação dos contatos e correspondência dos militantes desse grupo com Marx e Engels, irão se desenvolver as premissas essenciais que estabelecerão as primeiras análises originalmente marxistas sobre a realidade russa. Tais premissas se inscrevem em patamares muito distintos e superiores das apreciações surgidas quanto à questão eslava e às primeiras incursões engelsianas em resposta ao militante Tketchov.

Nesse novo momento de aproximação dos temas russos da parte dos fundadores do materialismo histórico, que exigiu de Marx a interrupção nos seus estudos de preparação do Livro II de *O capital* para se dedicar a pesquisas sobre a Rússia, o que incluía o estudo da sua língua e a reunião de farto material sobre a história russa, Marx precisou rebater o argumento do populista Mikhailovski, para quem a noção marxiana de acumulação primitiva estabelecia uma “teoria histórico-filosófica” e, portanto, um imperativo histórico ao desenvolvimento da história em todas as partes. Para o russo, “a visão histórico-filosófica de Marx” era “corroborada por inúmeras passagens” de *O capital* e infligia um profundo dilema aos militantes revolucionários da atrasada Rússia:

Imaginemos agora um russo que acredite nessa teoria histórica. É uma imagem provável, pois o perfil científico de Marx inspira, sem dúvida, a maior confiança e a teoria exposta acima apoia-se em excelente fundamentação material; em termos lógicos ela é um todo bem ordenado e, por isso mesmo, atraente. Mas este russo, posto que não vive na esfera das abstrações puras e que não é indiferente ao aspecto prático das questões, encontra-se numa situação estranha e difícil. O processo de “socialização” do trabalho, ou antes, a forma de socialização de que Marx nos fala, que, como uma faca de dois gumes, é a um tempo terrível e benevolente, fez progressos muito reduzidos entre nós, na Santa Rússia. O nosso camponês não é, em absoluto, tão adiantadamente “livre” da terra e dos meios de produção como é exigido pelo exuberante desenvolvimento capitalista. (...) Por outro lado, nosso capital é bastante exíguo em comparação com o europeu. *Então decorreria daí que, seguindo os passos da Europa, deveríamos percorrer aquele mesmo processo, des-*

*crito e elevado ao status de uma teoria histórico-filosófica por Marx. A diferença, contudo, consiste em que nós seríamos forçados a repetir aquele processo, realizando-o, portanto, conscientemente.*²²

Mikhailovski entendia que a “histórica-filosófica” de Marx tanto era inadequada para a Rússia, cujo capitalismo ainda não tinha estabelecido a separação completa entre o trabalhador e os meios de produção, forma necessária de desenvolvimento capitalista, quanto implicava uma contradição para um discípulo de Marx que da Rússia adotasse essa perspectiva, posto que este deveria “alegrar-se com o advento da separação entre trabalho e propriedade, com o rompimento dos vínculos entre operários e condições de produção”. O significado disso, como aparentemente não podia deixar de ser, era que o militante marxista deveria “conformar-se com a negação dos princípios e do seu próprio ideal”.²³

Respondendo a Mikhailovski, Marx redarguiu que seu capítulo sobre acumulação primitiva apenas traçava o caminho percorrido pela Europa ocidental, caminho este em que produtores tinham sido separados de seus meios de produção convertendo-se em assalariados, não significando a imposição de um idêntico movimento histórico à Rússia. Marx insistia que, no sentido mais acabado desse movimento, apenas a Inglaterra o tinha cursado em sua plenitude, não obstante “todos os países da Europa Ocidental percorram o mesmo movimento” que, no final das contas, criou os elementos de sua negação, “os elementos de uma nova ordem econômica, ao dar maior impulso às forças produtivas do trabalho social e ao desenvolvimento integral de cada produtor”.²⁴

No sentido histórico tomado por Marx, para quem o critério da verdade é a prática, ou seja, a história verificada em sua integridade e não subsumida a uma teoria “histórico-filosófica”, não havia por que imaginar que um país não europeu nem ocidental seguiria a mesma via. Tanto é assim que, aludindo às suas referências aos plebeus na antiga Roma, Marx aponta que, tendo sido camponeses livres expropriados e separados dos seus meios de produção, como aconteceria no Ocidente europeu muitos anos depois, não vieram a se tornar trabalhadores assalariados, mas uma *mob* [turba] ociosa, “mais abjetos que os *poor whites* do sul dos Estados Unidos, e junto a eles não se desenvolveu um modo de produção capitalista, mas escravista”.²⁵ No final das contas, dizia Marx:

[...] se a Rússia tende a transformar-se numa nação capitalista, à maneira das nações da Europa Ocidental – e nos últimos anos ela tem se dado muito mal nesse sentido – não o conseguirá sem antes transformar uma boa parte dos

seus camponeses em proletários; e então, uma vez introduzida no seio do regime capitalista, ela experimentará suas leis impiedosas, como ocorreu com outros povos profanos.²⁶

Do significado extraído por seu interlocutor, que pressupunha a existência de uma teoria histórico-filosófica em Marx e não uma apreciação empírica da realidade passada, Marx concluía que “acontecimentos de uma surpreendente analogia”, mas ocorridos “em meios históricos diferentes”, levariam “a resultados inteiramente distintos”.

Quando se estuda cada uma dessas evoluções à parte, comparando-as em seguida, pode-se encontrar facilmente a chave desse fenômeno. Contudo, jamais se chegará a isso tendo como chave-mestra uma teoria histórico-filosófica geral, cuja virtude suprema consiste em ser supra-histórica.²⁷

A correspondência de Marx com Mikhailovski redefiniu os princípios antes estabelecidos por Engels na sua apreciação sobre a Rússia, pois, enquanto neste a chave das transformações no país dos *narodnik* estava no Ocidente europeu, para Marx elas deviam ser domadas desde a própria Rússia. Todavia, não podia ser compreendida desde uma perspectiva providencial e teleológica de curso único. Ao atentar para a movimentação das organizações revolucionárias na Rússia, Marx acedeu para as potencialidades da transformação em que o aspecto subjetivo e da agência humana poderiam cumprir um papel decisivo. Quanto a isso, enquanto admitia a possibilidade de a Rússia não precisar cumprir um estágio de desenvolvimento capitalista, Marx expressava simpatia pela coragem e abnegação dos militantes do grupo “A Vontade do Povo”, a vertente terrorista do movimento dos *narodnik*.²⁸

Mesmo inicialmente desdenhando das intenções propagandistas dos revolucionários russos exilados em Genebra, será em torno do grupo de Georgi Plekhanov, Pavel Akselrod e Vera Zaslitch que serão desenvolvidas as perspectivas mais alvissareiras em torno das possibilidades de transformação na Rússia.²⁹ Em fevereiro de 1881, Vera Zaslitch escreve a Marx uma respeitosa missiva em que informa que os seus discípulos russos acreditavam que a comuna rural russa, uma formação arcaica, estava condenada ao desaparecimento. A militante russa, profunda admiradora de *O capital* e que vinha se aproximando de Marx com o seu grupo, arguia que o posicionamento do “honorável cidadão” sobre o tema definiria “o destino pessoal [dos membros do grupo Partilha Negra] como socialistas revolucionários”, posto que, diante de duas possibilidades colocadas sobre o desenvolvimento da comuna, apenas uma alternativa seria possível aos socialistas. Zaslitch, então, liberada

das exigências relativas aos impostos e aos pagamentos aos donos da terra, indaga se a comuna rural teria condições de se desenvolver pela via do socialismo, “quer dizer, de organizar pouco a pouco sua produção e distribuição de produtos sobre bases coletivistas”. Caso este fosse o caso, os socialistas revolucionários deveriam “envidar todos os seus esforços em prol da libertação da comuna e de seu desenvolvimento”. Se, ao contrário, a comuna estivesse destinada a perecer, como acreditavam os discípulos de Marx na Rússia, aos socialistas revolucionários não restaria “outra coisa senão dedicar-se a cálculos mais ou menos mal fundamentados para descobrir em quantas dezenas de anos a terra do camponês russo passará de suas mãos para as da burguesia” e, ainda mais importante, “em quantas centenas de anos, talvez, o capitalismo atingirá na Rússia um desenvolvimento comparável ao da Europa ocidental”.³⁰

A carta de Vera Zasulich a Marx, segundo o historiador russo-soviético David Riazanov, “deve ter causado forte impressão em Marx” devido ao seu estilo ingênuo e sincero, que demonstrava imensa “incapacidade teórica ao colocar a questão da comuna camponesa sobre uma base ético-social”. Para o historiador e futuro fundador do Instituto de Marximo-Leninismo na URSS, Marx tratou de formular uma resposta imediata em função de sua já saturada capacidade de trabalho.³¹ Não obstante, em seguida a um apressado primeiro esboço de resposta escrito em francês, em que reafirma os elementos apresentados na correspondência trocada com Mikhailovski em 1877, Marx inicia uma investigação mais profunda e sistemática a partir de uma “base extraordinariamente ampla de material” que havia sido reunida para a redação dos demais livros de *O capital* e que incluía extensas “investigações sobre as condições agrárias russas”, além de estudos históricos e etnológicos.³²

O resultado que se revela ao longo da elaboração de diversos esboços, que são muito mais desenvolvidos e aprofundados do que a carta que finalmente foi enviada, demonstram um raciocínio plenamente dialético, que refuta peremptoriamente a noção etapista, determinista e vulgar dos seus “discípulos russos” que pressupunham uma via idêntica ao modelo tomado do Ocidente. Para Michael Löwy, os escritos relativos à questão do desenvolvimento do socialismo na Rússia apresentam “uma dialética tipicamente romântico-revolucionária entre o passado e o futuro, inspirada pelos trabalhos sobre o comunismo primitivo (românticos) como Geog Maurer e Lewis Morgan, frequentemente citados por Marx e Engels”.³³ O fato é que, ao refletir sobre um país atrasado que comportava um movimento revolucionário com grande potencialidade, Marx articulou os imperativos da necessidade histórica com as possibilidades da agência humana, confirmando que a sua compreensão do desenvolvimento histórico considerava tanto elementos objetivos quanto subjetivos.

Com efeito, enquanto tomava a noção de que a história comportava um desenvolvimento desigual e combinado, para registrar que a Rússia poderia se beneficiar do fato de que a comuna rural era contemporânea da produção capitalista ocidental, “podendo-se assim se aproveitar dos frutos sem se sujeitar ao seu *modus operandi*”, Marx confirmava, como pensavam alguns militantes *narodniks*, que ela podia “tornar-se o *ponto de partida direto* do sistema econômico para o qual tende a sociedade moderna e trocar de pele sem ter de cometer suicídio”. Para que isso acontecesse, entretanto, antes que a “poderosa conspiração” do desenvolvimento histórico capitalista lhes desferisse o “golpe de misericórdia”, seria preciso que houvesse uma revolução, não na Europa ocidental, como pensava Engels, mas na própria Rússia: “Para salvar a comuna russa é preciso que haja uma revolução russa”.³⁴

Os escritos de Marx sobre a questão russa, a partir das temáticas propostas pelos militantes *narodniks* e por efeito do conjunto das reflexões que ele vinha desenvolvendo para a continuidade da redação de *O capital*, representam um esforço bem-sucedido em relação às tensões economicistas presentes em sua obra e que são tomadas pelo marxismo vulgar como ponto de partida de sua interpretação materialista da história. Em que pese que Marx e Engels não tenham elaborado, de conjunto, nenhuma teoria determinista em que a estrutura econômica definia a forma como se processava o desenvolvimento histórico, algumas das suas afirmações, retiradas dos contextos em que estavam inseridas, poderiam sugerir conclusões neste sentido ou, no mínimo, apontar para as fortes tensões deterministas presentes na sua obra madura, que se aguçavam ou arrefeciam em conformidade com o contexto e o interlocutor. Postos em seu devido lugar, os escritos de Marx sugerem um autor rigidamente antenado com a realidade sobre a qual se podem construir teorias e conceitos, desde que admitido que as abstrações funcionam sempre como expectativas a serem confirmadas pela realidade.

Como sugere Daniel Bensaïd, por ser feita de “singularidades eventuais”, para Marx, a história pode comportar eventos considerados prematuros na dimensão da necessidade e em relação a um “encontro imaginário, mas nunca no horizonte bruxuleante da possibilidade efetiva”. Segundo o filósofo francês, autor de um dos mais importantes estudos sobre a apreciação marxiana da história, “os que acusam Marx de determinista são não raro aqueles mesmos que o censuram por sê-lo insuficientemente!”. O significado dessa premissa é que os balanços sobre a efetividade e possibilidade de sucesso de uma revolução socialista na atrasada Rússia só poderiam surgir a posteriori; do contrário, seria a ortodoxia determinista “histórico-filosófica” a estar com a razão: “não teria sido mais prudente e preferível respeitar os ritmos da história, deixar que amadurecessem as condições objetivas e o ca-

pitalismo russo, dar à sociedade o tempo para modernizar-se?”, indaga com ironia, Bensaïd.³⁵

A revolução na Rússia se torna marxista

Com a morte de Marx, Engels continuaria se correspondendo com os socialistas russos, inclusive desenvolvendo polêmicas com os *narodniks*, que revelaram uma imensa capacidade de sobreviver à repressão e estabelecer novos pontos de vista sobre a realidade em transformação, inclusive se aproximando do czarismo em alguns aspectos. Foi Vladimir Ilich Uliánov (Lenin), contudo, quem insistiu na necessidade de prosseguir combatendo as ilusões e os erros representados pelas teorias populistas que continuavam a surgir do socialismo *narodnik*. Para tanto, Lenin trabalhou pela unificação dos marxistas russos em torno de um partido que seguia os princípios e reivindicava o programa dos partidos da social-democracia ocidental, especialmente do *Sozialdemokratische Partei Deutschlands* (SDP) alemão. Com efeito, em 1898, em Minsk, realizou-se o I Congresso do Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR).³⁶

Não raro entre os ocidentais, a obra de Lenin e a própria intervenção dos marxistas russos é referida como essencialmente orientalizada. Tal impressão surge em função da defesa da construção de um “partido de novo tipo”, apresentada por Lenin em 1902, no texto *Que fazer?* Estudando este texto preparatório ao II Congresso do POSDR, que ocorreria em 1903, Lars Lih afirma que os objetivos ali contidos inscrevem o Partido Operário Social Democrata Russo e a própria tendência bolchevique surgida no conclave, na tradição ocidental representada pelo SPD e suas resoluções aprovadas no Congresso de Erfurt.³⁷ Para Lih, da mesma forma que os sociais-democratas alemães, Lenin expressava grande confiança na classe operária e defendia que a principal tarefa do partido revolucionário era construir um trabalho junto à classe na busca de sua emancipação. Todavia, em razão de a noção de espontaneidade ter sido tomada como elemento central da apreciação de Lenin em *Que fazer?*, criou-se a falsa impressão de que o russo defendia uma espécie de hipercentralismo ou a formação de uma elite conspiratória. Muito embora defendesse o partido de vanguarda, de acordo com Lih, *Que fazer?* se alinhava com o erfurtianismo a partir de uma perspectiva e um contexto em que prevalecia a autocracia czarista.³⁸

Se o projeto de unificação dos marxistas russos iniciado em 1898 foi fortalecido em 1901 com a criação do *Iskra*, paradoxalmente, foi em 1903, quando foram formadas as tendências bolchevique e menchevique do POSDR, que ele foi consolidado. Foi, contudo, ainda em fins do século XIX que Lenin deu se-

quência à série de polêmicas com os *narodnik* iniciadas por Marx e Engels nos anos 1870. Em 1894, quando contava com 24 anos de idade, Lenin escreveu a brochura *Quem são os amigos do povo e como eles lutam contra os sociais-democratas?*, em que defendia que os sociais-democratas (marxistas) deviam atuar na cena política em busca do objetivo de lutar pelo poder.³⁹

Quatro anos depois, Lenin retornou ao combate contra os herdeiros de “A Vontade do Povo”, tendo em vista que persistia entre os *narodnik* a visão de que os marxistas eram fatalistas e que se limitavam-se a defender a luta econômica, ignorando a luta política revolucionária pelo socialismo.⁴⁰ No texto *A que herança renunciamos?*, Lenin defende a posição dos “discípulos” de Marx na Rússia para combater a visão dos populistas, principalmente do velho Mikhailovski, que considerava o desenvolvimento do capitalismo na Rússia como “uma decadência e uma regressão” e permanecia defendendo como originais o regime econômico russo, com suas comunidades rurais e os artéis. De acordo com Lenin, ao ignorarem “as relações entre a ‘intelectualidade’ e as instituições jurídico-políticas do país, por um lado, e os interesses materiais de determinadas classes sociais, por outro”, os *narodnik*, impedidos de desenvolverem uma “interpretação materialista” da história, acreditavam que esta podia ser empurrada para frente por outra via.⁴¹ Em consequência disso, Lenin considerava que os “discípulos” eram “muito mais consequentes e fiéis depositários da herança [dos revolucionários dos anos 1860] do que os populistas”. Tendo em vista que os marxistas consideravam como uma de suas tarefas mais importantes “refutar os receios românticos e pequeno-burgueses que obrigam os populistas a renunciar aos ideais europeus dos iluministas” em diversos pontos importantes, junto à defesa geral do europeísmo, os “discípulos acrescentam à análise das contradições inerentes” ao desenvolvimento do capitalismo na Rússia de um ponto de vista específico.⁴²

Como parece óbvio, Lenin compreende que as condições de desenvolvimento do capitalismo já estão dadas na Rússia e as perspectivas apontadas por Marx, que admitia que a revolução russa poderia salvar a comuna e o artel, já não eram mais um elemento da realidade. Em vista disso, em 1899, Lenin concluiu seu estudo econômico mais importante sobre a Rússia. Em *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, o futuro dirigente bolchevique busca demonstrar que o capitalismo já havia fincado as bases para o desenvolvimento da indústria e a subsunção dos camponeses ao mercado de trabalho assalariado. Com profusão de dados sobre a evolução econômica russa, Lenin assevera que a expansão do operariado nas grandes cidades se dá às expensas da redução da massa camponesa, sendo um componente fundamental da afirmação de um capitalismo que, embora embrionário, seguia um rápido desenvolvimento. Não obstante, a agricultura permanecer abrangendo a

maior parcela dos trabalhadores, os irrefreáveis impulsos de modernização das técnicas e a alteração das relações sociais de produção apontavam para a transformação da Rússia.⁴³

Combatendo o que dizia serem os erros dos *narodnik*, Lenin presume que o capitalismo na Rússia se desenvolveu a partir da implantação de um incipiente mercado interno, surgido da divisão do trabalho na qual se realizava plenamente a mais valia.⁴⁴ Para confirmar seu ponto de vista, o marxista russo discorre sobre a desintegração do campesinato e a passagem da agricultura arcaica para a capitalista, concluindo que o processo de desenvolvimento da indústria ocorreu a partir de três formas distintas pela técnica:

As diferentes fases do desenvolvimento capitalista relacionam-se ao sistema da técnica. A pequena produção mercantil e a manufatura se caracterizam pelo predomínio dos pequenos estabelecimentos, dos quais apenas alguns grandes se destacam. A grande indústria mecanizada substituiu definitivamente os pequenos estabelecimentos. Também nas pequenas indústrias, surgem relações capitalistas (oficinas empregando o trabalho assalariado e capital comercial), mas elas ainda são fracas e não se estabelecem nas acentuadas oposições entre os grupos que participam da produção. Nessa fase, ainda não encontramos nem grandes capitais nem amplas camadas proletárias. Na manufatura, já nos deparamos com esses dois elementos e o abismo que separa os operários dos proprietários dos meios de produção já atinge proporções consideráveis.⁴⁵

Como se vê, para Lenin, o capitalismo vinha se estabelecendo rapidamente na Rússia. Faltava, entretanto, que a sociedade burguesa completasse o percurso que, iniciado do ponto de vista econômico, só podia se tornar definitivo da perspectiva social, jurídica e política pelo desencadeamento de uma revolução democrática que sepultasse de uma vez a autocracia czarista.

A primeira revolução democrática

Se, do ponto de vista da análise econômica, Lenin enxergava o desenvolvimento do capitalismo como caminho sem volta e elemento dissolvente das bases sociais que compunham o *mir*, do ponto de vista político, ele se empenhou a fundo para combater o que acreditava serem as ilusões e os erros dos populistas e também dos marxistas. Sobre estes últimos, pesavam tendências economicistas da parte de quem defendia que o trabalho político da luta pelo poder devia ser separado do trabalho sobre os operários, essencialmente econômico, e também aqueles que pensavam que apenas afirmar o marxismo em bases legais era suficiente.⁴⁶

Os vaticínios de Lenin sobre a revolução democrática não tardaram. Em fevereiro de 1905, uma onda de greves varreu toda a Rússia em resposta ao massacre do dia 9 de janeiro em São Petersburgo, promovido pela guarda czarista no “domingo sangrento”. Envolvendo cerca de um milhão de trabalhadores e atingindo mais de cento e vinte cidades, paralisando minas, ferrovias e inúmeras fábricas, o conteúdo das greves que sacudiram a Rússia em 1905 produziu muito mais do que algumas simples transformações nas relações entre a sociedade e a autocracia, ou entre os trabalhadores das fábricas e os patrões. Foi uma verdadeira revolução no sentido estrito do termo, pois a Rússia semifeudal e majoritariamente camponesa deixava para trás toda uma era de obscurantismo e arcaísmo nas relações entre as classes, e a história assistia, pela primeira vez, o nascimento de uma experiência inédita produzida pelos trabalhadores urbanos, os modernos proletários que se desenvolviam na indústria estudada por Lenin. Com efeito, os *soviets* foram o resultado mais importante do ensaio revolucionário de 1905, como organismos de duplo poder que dirigiram a revolução e produziram as transformações qualitativas exigidas pela maioria da população. Não obstante o novo ainda estivesse por nascer, o velho havia sido superado pela história, assim como o fora o Padre Gapon, que, dali por diante, teria um papel muito menor do que o de outras lideranças emergentes da velha Rússia, sendo condenado ao quase que total esquecimento da posteridade.

Os acontecimentos ocorridos no dia 9 de janeiro de 1905, que os historiadores passaram a chamar de “ensaio geral” da Revolução Russa de 1917, inauguraram um longo processo de entrada em cena da classe trabalhadora daquele país, que viveu momentos de fluxo e refluxo das suas lutas, até que pudessem tomar o poder em Outubro de 1917. Mais do que um “ensaio geral”, entretanto, os significados da revolução de 1905 na Rússia iriam além das transformações que ela produziu na terra dos Urais, pois daria oportunidade a que as principais lideranças dos posteriores acontecimentos de 1917, muito especialmente Lenin e também o jovem Leon Trótski, produzissem reflexões que redimensionariam o marxismo esterilizado nos gabinetes da socialdemocracia europeia.

Falando dos acontecimentos daqueles anos, Trótski se referiu ao uso que a história fez do “fantástico plano de Gapon”, que culminou na conclusão revolucionária de 1905 e na formação dos *soviets*.⁴⁷ Trótski, que em 1905 havia presidido o *soviète* de São Petersburgo, o mais importante de todo o país, esteve empenhado em estudar a fundo as implicações de uma revolução num país tão atrasado como a Rússia, mas não conhecia as formulações de Marx sobre o assunto, que só foram publicadas nos anos 1923 por Boris Nicolaievski.⁴⁸ Em função disso, sobrelevam-se os interesses pelos escritos de Trótski posteriores a 1905. Tanto pelo fato de que seu marxismo é profundamente dialético e

original, com profunda identidade com os escritos de Marx sobre o desenvolvimento histórico e a Rússia, quanto porque travou uma das mais profícuas polêmicas no interior do marxismo, polêmica esta que culminou na elaboração da teoria da Revolução Permanente que, curiosamente, nas suas origens, opôs o futuro comandante do Exército Vermelho ao líder máximo do Partido Bolchevique, ninguém menos do que Vladimir Ilich Lenin.

Os termos do debate ocorrido em torno dos acontecimentos de 1905 remontam a um dos principais postulados do materialismo histórico, que defende que uma “organização social nunca desaparece antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela é capaz de conter”, que consta no famoso prefácio de *A contribuição à crítica da economia política* citado acima.⁴⁹ Neste sentido, quais as possibilidades de uma revolução socialista triunfar num país tão atrasado como a Rússia, que sequer tinha desenvolvido completamente relações sociais de produção do tipo capitalistas? De que forma o desenvolvimento capitalista apontado por Lenin contribuiu para a eclosão de uma revolução no país que, como dizia, era o elo mais fraco da cadeia imperialista? Qual a classe a hegemonizar o processo revolucionário na Rússia? A Revolução Russa estava madura ou era prematura nas condições históricas do país eslavo?

Para Lenin, que, no curso dos acontecimentos de 1905, desenvolveu um texto em polêmica com os mencheviques, a conquista do poder revolucionário pelo proletariado, colocada na ordem do dia, não implicava uma imediata transição para o socialismo, haja vista a impossibilidade de se saltarem etapas históricas. Lenin tinha em mente que o que estava em jogo na Rússia era a revolução burguesa e suas tarefas democráticas. Considerava que o desenvolvimento do capitalismo vinha acertando os ponteiros da história entre a Rússia e o Ocidente sob o ponto de vista do desenvolvimento das forças produtivas, mas defendia que as transformações econômicas que vinham se processando desde 1861 não eram correspondidas pelo que representava a presença intacta da autocracia no comando do Estado diante de uma burguesia incapaz de dirigir sua própria revolução. Por isso, propunha a consignação de “ditadura revolucionária e democrática do proletariado e do campesinato”, que significava que, nos marcos das tarefas democráticas impostas pela revolução em sua forma burguesa, somente o proletariado e o campesinato seriam capazes de liderar o processo que devia culminar na implantação de uma ditadura das duas classes.⁵⁰

Lenin advertia os mencheviques de que, apesar de suas tarefas *democráticas*, portanto burguesas, as forças sociais que se opunham ao czarismo, e que, portanto, deveriam se perfilar para a “vitória decisiva” sobre a autocracia, não poderiam contar com a presença da grande burguesia e dos latifundiários, visto “que eles nem sequer desejam uma vitória decisiva”.⁵¹

Para o líder bolchevique, a burguesia russa era incapaz, “pela sua situação de classe”, de empreender uma luta decisiva contra a autocracia, justamente porque “a propriedade privada, o capital e a terra” eram um lastro demasiadamente pesado para esta classe que havia aprendido a viver nas sombras do czarismo. Neste sentido, Lenin entendia que a única força capaz de obter a vitória decisiva sobre o czarismo só podia ser o “*povo*, isto é, o proletariado e o campesinato, se se tomarem as grandes forças fundamentais e se se distribuir a pequena burguesia rural e urbana (também ‘*povo*’) entre um e outro”. Não obstante, a vitória da revolução na Rússia, para Lenin, não converteria “ainda, de forma alguma”, a revolução russa de burguesa a socialista. De acordo com o líder russo, que antevia os profundos significados das transformações que começavam a se produzir no país eslavo, a “revolução democrática” não ultrapassaria “diretamente os limites das relações econômico-sociais burguesas”, e embora se fizesse apesar da burguesia, teria “importância gigantesca para o desenvolvimento futuro da Rússia e do mundo inteiro”.⁵²

Como parece óbvio, enquanto combatia os primeiros passos do reformismo no seu país, representado pela corrente menchevique que entendia que o proletariado não devia cumprir nenhuma função dirigente na revolução burguesa, Lenin raciocinava rigorosamente dentro dos limites das proposições da ortodoxia marxista e das suas próprias reflexões sobre o desenvolvimento do capitalismo no país. Apesar disso, Lenin inovava politicamente ao defender o protagonismo do proletariado que, aliado ao campesinato, faria a revolução que a burguesia era incapaz de fazer. O pressuposto que afirma que transformações profundas nas sociedades só poderiam ocorrer em meio a condições materiais concretas, nas circunstâncias descritas de que “a humanidade só levanta problemas que é capaz de resolver”, era tomado em sua dimensão material, acrescentando e insistindo que são os homens e mulheres que fazem a história; portanto, eram as contradições da sociedade russa que impulsionavam a revolução e não o desenvolvimento puro e simples das forças produtivas.⁵³ Em todo caso, se a humanidade havia levantado o problema da tomada do poder pelo proletariado, não era o caso de as condições estarem efetivamente colocadas para uma revolução socialista na Rússia? Caberia se perguntar sobre os limites e possibilidades de um outro postulado do materialismo histórico, também central da formulação marxiana e engelsiana e intimamente articulado com as condições objetivas legadas pelo passado, e que Lenin certamente tinha em mente, que dizia que eram os homens que faziam a história, algo que já vinha sendo apontado por Marx nos debates com os *narodnik*, especialmente na sua correspondência com Vera Zasulich.

Os argumentos apresentados por Lenin sobre as tarefas democráticas da revolução na Rússia não encontravam opositores entre os marxistas do

país. Os mencheviques, ainda mais rigorosamente, entendiam ser impossível a transição ao socialismo nas condições de desenvolvimento da Rússia e, portanto, insistiam que era tarefa da burguesia dirigir sua própria revolução. Quanto a Trótski, que também admitia que o caráter da revolução era democrático e que ela seria dirigida pelo proletariado, havia uma diferença em relação à interpretação de Lenin que fez toda a diferença. Ou seja, ao defender que o caminho que traria a revolução das suas tarefas democráticas para o socialismo, através da Revolução Permanente, era algo incontornável no quadro russo, Trótski contribuiu de forma original e inovadora para superar a letargia do formalismo que pesava sobre o pensamento marxista europeu e as hesitações existentes no interior do pensamento leniniano.

Sobre o assunto, Trótski se dedicou a estudar o desenvolvimento do capitalismo na Rússia no início do século XX e as forças motrizes da revolução, para propor que, no que se referia às suas tarefas diretas e indiretas, a revolução russa seria uma “revolução ‘burguesa’, porque se propõe libertar a sociedade burguesa das correntes e grilhões do absolutismo e da propriedade feudal”. Contudo, pensava Trótski, se a principal força dirigente da revolução é o proletariado, a revolução era “proletária no que diz respeito ao seu método”.⁵⁴ Ou seja, se em 1905 o proletariado russo havia avançado em nome dos seus próprios objetivos, quase todos eles contrapostos aos objetivos da burguesia, que se limitava às tarefas democráticas da transformação, a revolução não poderia fazer retornar a “unidade da nação burguesa”, de maneira que, na “revolução burguesa sem uma burguesia revolucionária”, o proletariado seria conduzido “pelo desenvolvimento interno dos acontecimentos”, a assumir a hegemonia sobre o campesinato e a luta pelo poder do Estado.⁵⁵

Entretanto, Trótski não ignorava que o atraso do desenvolvimento russo poderia dificultar ou mesmo impedir o sucesso completo da revolução naquele país. Ou seja, para aqueles que apressadamente poderiam dizer “voluntarista” a formulação trotskiana, cabe mencionar que, no seu estudo mais importante sobre o assunto, *Balanços e perspectivas*, Trótski partiu das forças da necessidade histórica para propor que, apesar das condições objetivas legadas pelo passado, são os homens que fazem a história. Por conseguinte, “o proletariado de um país economicamente atrasado pode chegar ao poder antes do proletariado de um país avançado do ponto de vista capitalista”. Para Trótski, não havia nenhuma lei que determinasse que a história seria feita sem a participação dos sujeitos, pois julgar “que a ditadura do proletariado dependa automaticamente das forças técnicas e dos recursos e de um país significa repetir um preconceito oriundo de um materialismo econômico por demais simplificado”. Ainda de acordo com o revolucionário, uma opinião como esta “nada tem em comum com o marxismo”.⁵⁶

Dessa maneira, o presidente do *soviete* de São Petersburgo defendia a possibilidade de que a Rússia pudesse “saltar etapas”, tendo em vista que, de nenhuma maneira, uma sociedade atrasada, tendo diante de si um modelo histórico já pronto e desenvolvido, precisaria necessariamente percorrer o mesmo caminho da sociedade avançada. Como afirma Baruch Knei-Paz, o “ponto central da teoria trotskiana do atraso era que o desenvolvimento social era diferente nas diversas sociedades; portanto a noção de que cada acontecimento histórico devesse fatalmente culminar em uma repetição da experiência europeia-ocidental”, como pensavam os marxistas russos antes de 1905, era criticado por Trótski, que, ao seu modo, aplicava o mesmo raciocínio de Marx do início dos 1880.

A chave para entender o caráter da revolução russa estava, portanto, não somente no fato de que a história russa era diferente de qualquer problemática histórica da Europa ocidental, mas de que, pelo seu passado tão diferente, também o futuro da Rússia seria diferente.⁵⁷

A maioria dos marxistas russos, inclusive Lenin, pensava que a Rússia deveria se desenvolver inevitavelmente pela via do capitalismo. Para Trótski, entretanto, como tal, o capitalismo era “na realidade, impossível na Rússia” e uma tal perspectiva só podia existir em função do fato de que muitos marxistas confundiam a industrialização com o capitalismo.⁵⁸

De acordo com Trótski, a possibilidade de “saltar” a etapa capitalista decorria em virtude da existência de uma das mais importantes leis históricas formuladas pelo marxismo, qual seja, a lei do desenvolvimento desigual e combinado que aparece enunciada plenamente no seu texto sobre a *História da Revolução Russa*, publicado pela primeira vez em 1930:

As leis da História nada têm em comum com os sistemas pedantescos. A desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do *processus* histórico, evidencia-se com maior vigor e complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob o chicote das necessidades externas, a vida retardatária vê-se na contingência de avançar aos saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre outra lei que, por falta de uma denominação apropriada, chamaremos de *lei do desenvolvimento combinado*, que significa aproximação das diversas etapas, combinação das fases diferenciadas, amálgama das formas arcaicas com as mais modernas. Sem esta lei, tomada, bem entendido, em todo o seu conjunto material, é impossível compreender a história da Rússia, como em geral a de todos os países chamados à civilização em segunda, terceira ou décima linha.⁵⁹

Neste sentido, quando pensava nas possibilidades de uma vitória do socialismo num país atrasado, Trótski respondia à questão apenas de forma condicional, remetendo a outros aspectos que diretamente influenciariam nas possibilidades do socialismo vingar na Rússia. O raciocínio era seguinte: caso o proletariado tivesse êxito em conquistar a hegemonia política sobre o campesinato, cujos interesses democráticos poderiam levá-los para o campo da burguesia, e dessa forma exceder “os limites nacionais da revolução russa, então essa revolução pode tornar-se o prólogo de uma revolução socialista mundial”.⁶⁰ Ou seja, as possibilidades de o socialismo vingar na Rússia nas condições em que uma revolução proletária novamente se assomasse no país diziam respeito ao fato de que nenhum país poderia ser pensado isoladamente e nenhuma revolução poderia triunfar plenamente nos marcos e nos limites de uma só nação. Deriva daí a plena convicção internacionalista do pensamento trotskiano que se encontraria com o leniniano em 1917.⁶¹

Conclusão: 1917 e a Revolução Permanente

Os resultados dos acontecimentos históricos que se abateram sobre a Rússia em 1917 deram razão aos postulados e vaticínios de Trótski, que, após construir uma trajetória independente das tendências menchevique e bolchevique do POSDR, ingressou no partido de Lenin, com sua pequena organização revolucionária, em setembro de 1917.⁶² Contudo, sem o gênio político de Lenin, como sempre reconheceu Trótski, a revolução de Outubro muito dificilmente teria logrado sucesso. Isso porque os resultados do embate entre os dois principais dirigentes da Revolução Russa de Outubro de 1917 não devem ser considerados como os mais importantes nos desdobramentos do Outubro russo. Todavia, não deixa de ser importante o fato de que foi da convergência de posições dos dois dirigentes revolucionários que se produziu o que parece ter sido a melhor síntese que permitiu ao marxismo russo superar dialeticamente seus congêneres europeus e realizar a Revolução e fundar o primeiro Estado operário da história, conformando o mais importante paradigma do século XX.

No que se refere às divergências expressas entre 1905 e 1907, que depois se transfiguraram em outros tantos debates, Trótski parece ter sido vitorioso no que tange a efetividade e dimensão de sua teoria da Revolução Permanente, que recuperava algumas das mais importantes reflexões de Marx no campo da política e que prestavam um valioso tributo à chamada lei do desenvolvimento desigual e combinado. Quanto a Lenin, que, entre outras coisas, formulou uma consistente teoria do partido e pioneiramente identificou as potencialidades do desenvolvimento do capitalismo na Rússia, não há como não reconhecer suas inquestionáveis qualidades e o grande gênio político que dirigiu os bolcheviques ao poder.

Lenin lutara arduamente para edificar a ferramenta indispensável do Partido Bolchevique, inicialmente criticada por Trótski, que foi essencial no processo revolucionário russo. Trótski reconheceu a superioridade da formulação leniniana do partido já em 1917, quando aderiu à organização bolchevique e dirigiu, junto com Lenin, a insurreição de Outubro. Lenin, à sua maneira, aderiu à formulação trotskiana da Revolução Permanente tão longo chegou à Estação Finlândia em Petrogrado (antiga São Petersburgo), através das famosas *Teses de Abril*.⁶³ Pelas teses de Lenin colocava-se para os bolcheviques a tarefa de preparar a tomada do poder pelos *soviets*, já que se admitia a possibilidade de fazer a revolução transitar da sua etapa burguesa para a etapa socialista ainda no curso do ascenso.⁶⁴

Para o líder bolchevique, após a revolução de Fevereiro e os acontecimentos que se produziram na consciência dos trabalhadores russos em poucos meses, colocar a conclusão da revolução burguesa nos marcos de uma longa etapa, como havia pensado originalmente em 1905, seria esterilizar o marxismo, que é, antes de tudo, “análise concreta de situação concreta”. Neste sentido, na circunstância em que uma guerra atingia a Europa e as possibilidades do socialismo na Rússia se ligavam umbilicalmente à vitória da revolução mundial, a Revolução Russa seria, apenas, “a primeira etapa da primeira das revoluções proletárias geradas inevitavelmente pela guerra”. Por isso, a tarefa urgente dos bolcheviques era lutar pelo papel dirigente do proletariado na revolução e “explicar ao povo a urgência de uma série de passos praticamente maduros em direção ao socialismo”.⁶⁵

O sucesso da Revolução de Outubro de 1917, na Rússia, foi o resultado de um longo processo de amadurecimento de condições históricas que, de maneira desigual e combinada, prepararam a Rússia para o futuro e inspiraram o mundo no caminho do socialismo. Evidente que os desdobramentos daquela experiência, que produziram a contrarrevolução stalinista e a ascensão da burocracia, também estiveram relacionados a condições históricas muito particulares.⁶⁶ Não obstante, como a ninguém que reflita conscienciosamente sobre a história é dado o direito de raciocinar apenas sobre os termos em que os fatores objetivos criam as condições para a emergência das subjetividades, deve-se afirmar que, ao lado das condições produzidas pela necessidade histórica, caminharam sempre os fatores da vontade e da agência humana. Sendo assim, da mesma forma que as derrotas posteriores da revolução mundial parecem ter sido provocadas pela presença de direções muito mais empenhadas na defesa da “pátria do socialismo” do que na edificação das revoluções em diversos países, a vitória da revolução russa em 1917 deveu-se a uma combinação de fatores, objetivos e subjetivos, imperativamente necessários, e circunstancialmente contingentes, de modo que, como diria Trótski, “aquele que for incapaz de

admitir a iniciativa, o talento, a energia e o heroísmo no marco da necessidade histórica, não aprendeu o segredo filosófico do marxismo”.⁶⁷

A existência de dirigentes políticos da estatura de Lenin e Trótski, que estudaram a fundo as leis da necessidade histórica, o desenvolvimento da Rússia e os significados das revoluções para que pudessem incidir sobre a política aplicada a um país de imenso atraso, de alguma maneira redefiniram os rumos da história. Conhecer o evento que balizou a paisagem de um século inteiro é uma das melhores formas de compreender a dialética do desenvolvimento histórico.

RESUMO

Entre 1870 e 1917, no interior do movimento revolucionário europeu, as discussões sobre o desenvolvimento da história se voltaram para a questão eslava e o tema russo. Partindo dos debates travados em três décadas e meia (1870-1905), buscamos interpretar os traços de originalidade de muitas das interpretações marxistas que dimensionavam a possibilidade de uma revolução do atraso no rumo do socialismo, muito antes que as condições efetivas estivessem dadas em Outubro.

PALAVRAS-CHAVE

Questão eslava; populismo; marxismo; Revolução Permanente.

Before October: from the slavic issue to the revolution of backwardness

ABSTRACT

Between 1870 and 1917, within the European revolutionary movement, discussions on the development of history turned to the Slav question and the Russian theme. Starting from the debates held in three and a half decades (1870-1905), we sought to interpret the originality of many of the Marxist interpretations that shaped the possibility of a backward revolution towards socialism before the actual conditions were given in October.

KEYWORDS

Slavic question; populism; Marxism; Permanent Revolution.

NOTAS

1. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Contato do autor: zacasenajr@uol.com.br

2. Algumas das informações sobre os acontecimentos daquele “domingo sangrento”, inclusive a citação do documento em forma de petição, foram retiradas da obra de Marshal Berman. *Apud* BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar*: a

aventura da modernidade. 9 ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 236. O autor informa que retirou a versão do documento de Bertram Wolfe (*Three who made a Revolution*, Beacon, 1957.) e que há várias versões do documento, não parecendo que nenhuma possa ser tomada como definitiva. O trecho da petição aqui citado é bastante parecido com o que consta na edição portuguesa da *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS (1883-1937)*, 2 ed. Porto: Editora Vento Leste, 197? (Resumo redigido por uma comissão do Comitê Central do PC(b) da URSS. Aprovado pelo Comitê Central do PC(b) da URSS 1938.

3. SERGE, Victor. *O ano I da Revolução Russa*. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 37.
4. BERMAN, M., *Op. cit.*, p. 237.
5. MEHRING, Franz. *Karl Marx: a história de sua vida*. São Paulo: Sundermann, 2013, p. 170.
6. McLELLAN, David. *Karl Marx: vida e pensamento*. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 230.
7. MEHRING, F., *Op. cit.*, p. 170-171.
8. Cf. FERNANDES, Rubem César. “Introdução: a Rússia e o ocidente”. In: FERNANDES, R. C. (Org.). *Dilemas do socialismo: a controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 40. A edição brasileira dos *Grundrisse* tem a seguinte referência: MARX, Karl. *Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011.
9. MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983, p. 25.
10. MARX, Karl. *O capital. Livro I: O processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 78.
11. FERNANDES, R. C. “Introdução: a Rússia e o ocidente”. In: FERNANDES, R. C. (Org.). *Dilemas do socialismo...*, p. 44. A introdução de Rubem César Fernandes a esta coletânea de textos dos populistas russos, que inclui as incursões de Marx e Engels no debate sobre o atraso, através da troca de correspondência com militantes das organizações *narodnik*, de onde surgiram os primeiros marxistas russos, é uma das melhores obras sobre o assunto publicadas no Brasil.
12. Idem, p. 27.
13. TKATCHOV, Pedro Nikititch. “Carta aberta ao Sr. F. Engels”. In: FERNANDES, R. C. (Org.). *Op. cit.*, p. 132.
14. A expressão “blanquismo” designa a doutrina política relacionada ao revolucionário francês Louis-August Blanqui, que pressupunha que uma organização revolucionária tinha que atuar de maneira conspiratória. Apesar da importância de Blanqui e do blanquismo no movimento revolucionário, Marx, Engels e os marxistas procuraram se desvincular dessa tradição.
15. Idem, p. 134.

16. ENGELS, Friedrich. “Literatura de refugiados”. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A luta de classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo, p. 34 (grifos no original).
17. *Ibidem*, p. 43.
18. *Ibidem*, p. 51.
19. *Ibidem*, p. 52-53.
20. FERNANDES, R. C. “Introdução: a Rússia e o ocidente”. In: FERNANDES, R. C. (Org.). *Op. cit.*, p. 32-33.
21. *Idem*, p. 33. Em seguida ao assassinato do czar, a liderança do grupo “A Vontade do Povo”, que permaneceu na Rússia, foi presa e executada ainda em abril de 1881. *Idem*, *ibidem*, p. 33.
22. MIKHAILOVSKI, N. K. “O dilema do marxista russo”. In: FERNANDES, R. C. (Org.). *Op. cit.*, p. 162 (grifos nossos).
23. *Ibidem*, p. 163-164.
24. MARX, K. “À redação de ‘Otietchevstvienii Zapiski’”. In: FERNANDES, R. C. (Org.). *Op. cit.*, p. 166-167.
25. *Ibidem*, p. 167-168.
26. *Ibidem*, p. 167.
27. MARX, Karl. “Carta à redação da *Otechestvenye Zapiski*, 1877. In: MARX, K.; ENGELS, F. *A luta de classes na Rússia*. *Op. cit.*, p. 69.
28. McLELLAN, D. *Op. cit.*, p. 467.
29. A propósito das preferências de Marx pelo grupo que havia permanecido na Rússia, ele chegou a saudar o ato terrorista que culminou no assassinato do czar, descrevendo os envolvidos como “pessoas corajosas sem nenhuma pose melodramática, diretos, realistas e heroicos” que tentavam ensinar a Europa “o método de operação deles [que é] especificamente russo e historicamente inevitável (...)”. Quanto a seu “pouco respeito” pelos exilados que se opunham ao terrorismo, Marx escreveu a Sorge em inícios dos anos 1880: “a fim de fazer propaganda na Rússia – eles vão para Genebra! Que *quid pro quo!* Estes senhores estão contra qualquer ação político-revolucionária. A Rússia deve dar um *salto mortale* no milênio anarquista-comunista-ateu! Enquanto isso eles preparam esse salto com um maçante culto a doutrina...”. MARX *Apud* McLELLAN, D. *Op. cit.*, p. 467.
30. ZASULITCH, Vera Ivanovna. “Carta a Karl Marx, 16 de fev. 1881”. In: MARX, K.; ENGELS, F. *A luta de classes na Rússia*. *Op. cit.*, p. 81. A propósito dos “discípulos marxistas russos”, Marx se refere a estes inominados seguidores da seguinte forma: “Os ‘marxistas’ russos de que falais me são desconhecidos. Os russos com os quais tenho relações pessoais, ao que eu saiba, têm pontos de vistas totalmente opostos”. Quanto aos contatos de Marx na Rússia são, provavelmente, Piotr Lavrov e Nicolai-On Danielson, seus principais correspondentes. MARX, K.; ENGELS, F. *Op. cit.*, p. 12-104.

31. RIAZANOV, David. “A correspondência entre Vera Ivanovna Zaslitch e Karl Marx. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Op. cit.*, p. 73.
32. LÖWY, Michael. “Primeiro ao quarto esboços e carta a Vera Ivanovna Zaslitch”. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Op. cit.*, p. 87.
33. LÖWY, M. “Introdução: dialética revolucionária contra a ideologia burguesa do progresso”. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Op. cit.*, p. 13.
34. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Op. cit.*, p. 100.
35. BENSÂID, Daniel. *Marx, o intempestivo. Grandezas e misérias de uma aventura crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999, p. 81.
36. De acordo com Pierre Broué, o autointitulado I Congresso do POSDR, que contou com nove delegados “entre os quais se encontra um operário das organizações social-democratas do Império e os representantes das Ligas de Moscou, São Petersburgo, Kiev e Ekaterinoslav”, elege um Comitê Central com três membros e redige seus estatutos e um manifesto. “Mas o fato do partido ter sido fundado não significa que sua existência tornou-se real”. Segundo Broué, imediatamente em seguida ao Congresso quanto o Comitê Central, quando os delegados foram detidos pela polícia, determinando que a subsistência do nome partido passasse a existir a partir da reivindicação dos intelectuais emigrados que congregavam os membros do grupo “Emancipação do Trabalho” e a segunda geração de marxistas russos que compunha a Liga de Emancipação da Classe Operária, que incluía, além de Lenin, Yuli Martov, entre outros. Este grupo viria a fundar, em 1901, o principal instrumento de aglutinação dos marxistas em torno do POSDR, o jornal *Iskra (A centelha)*. BROUÉ, Pierre. *O partido bolchevique*. São Paulo: Sundermann, 2014, p. 32.
37. “O Programa de Erfurt do Partido Social-Democrata da Alemanha foi aprovado em Outubro de 1891 no Congresso que se efectuou em Erfurt. O programa de Erfurt foi um passo em frente em relação ao *Programa de Gotha (1875)*; foi colocada na base do programa a doutrina do marxismo sobre a inevitabilidade da queda do modo de produção capitalista e da sua substituição pelo socialista; sublinhava-se nele a necessidade de a classe operária conduzir a luta política e salientava-se o papel do partido como dirigente desta luta, etc.” Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/dicionario/verbetes/p/prog_erfurt.htm>. Acesso em: 25 maio 2017.
38. LIH, Lars. *Lenin rediscovered. What is to Be Done? in context*. Chicago-Illions, Heymarket Books, 2008, p. 19-20. A propósito do erfurtianismo, um termo criado por Lars Lih que remete ao Congresso do SPD realizado na cidade de mesmo nome em 1891, o historiador norte-americano assim o define: “Eu criei o termo ‘Erfurtian’ para descrever um conjunto de crenças, modelos institucionais e estratégias políticas que constituíam a socialdemocracia ortodoxa baseada em Marx”. O significado desta vinculação, adotada para descrever as opções programáticas do Partido Operário Social Democrata Russo (POSDR), inserem o partido russo na tradição ocidental da socialdemocracia alemã. LIH, L. *Op. cit.* p. 6.
39. LIH, L. *Op. cit.* p. 115-116.

40. LIH, L. *Op. cit.* p. 139.
41. LENIN, V. I. “A que herança renunciamos?”. In: *Obras escolhidas*. 3 ed. São Paulo: Alfa-Omega, p. 63 (grifos no original).
42. *Ibidem*, p. 72.
43. LENIN, V. I. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia. O processo de formação do mercado interno para a grande indústria*. 2 ed. São Paulo: Nova Cultural, 1985, p. 15-16.
44. *Ibidem*, p. 17.
45. *Ibidem*, p. 342.
46. É contra os “economistas” e os “marxistas legais” que Lenin dirige suas principais críticas em *Que fazer?*. LENIN, V. I. *Que fazer?* São Paulo: Hucitec, 1986.
47. TROTSKY, Leon. *A revolução de 1905*. São Paulo: Global, s/d, p. 90.
48. LÖWY, M. “Introdução: dialética revolucionária contra a ideologia burguesa do progresso”. In: MARX, K.; ENGELS, F. *A luta de classes na Rússia. Op. cit.*, p. 13-14.
49. MARX, Karl. *Contribuição...*, p. 25.
50. LENIN, V. I. “Duas táticas da social-democracia na revolução democrática”. In: *Obras escolhidas*. 3 ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1986, p. 406, v. 1, p. 410.
51. *Ibidem*, p. 410.
52. *Ibidem*, p. 411.
53. A ideia de que a humanidade só levanta problemas que é capaz de resolver é um desdobramento das reflexões de Marx e aparecem em MARX, Karl. *Contribuição...*, p. 25.
54. TROTSKY, *A revolução de 1905. Op. cit.*, p. 66.
55. *Ibidem*, p. 72.
56. TROTSKY, Leon. *A Teoria da Revolução Permanente. Balanço e perspectivas. A Revolução Permanente*. São Paulo: Sundermann, 2010, p. 72.
57. KNEI-PAZ, Baruch. “Trotsky: revolução permanente, revolução do atraso”. In: HOBSBAWM, Eric J. (Org.) *História do marxismo. O marxismo na época da Terceira Internacional. A Revolução de Outubro. O Austromarxismo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 180, v. 5.
58. *Ibidem*, p. 180.
59. TROTSKY, Leon. *História da revolução russa. A queda do tzarismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 25, v. 1 (grifos no original).
60. TROTSKY, *A revolução de 1905, Op. cit.*, p. 291.
61. De acordo com Isaac Deutscher, “os caminhos de Lenin e Trótski, que por tanto tempo divergiram, encontraram-se então. Cada um deles chegar a certas conclusões

a que o outro chegara muito antes e às quais se opusera por com ênfase e por muito tempo. Mas nenhum deles adora conscientemente o ponto de vista do outro. De diferentes pontos de partida e de diferentes processos, sua mente se dirigiu para o ponto de encontro daquele momento”. DEUTSCHER, Isaac. *Trotsky: o profeta armado. 1879-1921*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984, p. 278, v. 1.

62. O ingresso da organização interburgos (também chamada de interbarrial ou intercantonal) no Partido Bolchevique ocorreu em julho de 1917, durante a realização do VI Congresso Bolchevique. DEUTSCHER, I. *Trotsky: o profeta armado...*, *Op. cit.*, p. 291-292.

63. Segundo Deutscher, Kamenev, que vinha defendendo o ingresso dos bolcheviques no governo provisório, havia censurado Lenin por ter “abandonado o bolchevismo pelo trotskismo”. DEUTSCHER, I. *Trotsky: o profeta armado...*, *Op. cit.*, p. 278.

64. Cf. LENIN, V. I. “Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução”. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-Omega, 1988, p. 14, v. 2.

65. LENIN, V. I. “VII Conferência (de abril) de toda a Rússia do POSDR(b)”. In: *Id.*, *ibid.*, p. 98.

66. Ver, sobre o assunto, MURPHY, Kevin. *Revolution and counterrevolution. Class struggle in a Moscow metal factory*. Chicago-Illions, 2007.

67. TROTSKY, *A revolução de 1905*, *Op. cit.*, p. 55.